

## ESTÁ NA HORA DE ESCOLHER - Um sentido possível para a guerra

*Pierre Teilhard de Chardin*

Duas vezes na nossa vida vimos a Guerra. Duas vezes? Pior do que isso, não será a mesma Grande Guerra que continua? Um mesmo fenómeno de um mundo em processo de renovação... ou de desintegração? Tudo parecia ter terminado em 1918 e agora começa de novo.



Neste momento, no fundo de cada um de nós surge a mesma angústia e sobe do fundo de cada um de nós o mesmo suspiro. Já nos imaginávamos a ascender livremente em direção a épocas melhores. E agora, pelo contrário, parece que um gigantesco determinismo nos arrasta irremediavelmente em círculos, ou para baixo, um círculo diabólico de discórdias constantemente recorrentes, como um solo que deslizasse para trás a cada um dos nossos passos. A roda ou a inclinação. Então, as nossas esperanças de progresso eram só ilusórias?

Como toda a gente, senti a comoção do escândalo e da tentação quando, com os pés num Oriente inundado pela natureza e devastado por uma invasão furtiva, me inteirei de que o Ocidente estava em chamas.

Então, mais uma vez, fiz uma avaliação e revisão no meu interior de tudo o que sabia, de tudo aquilo em que acreditava. Fi-lo o mais friamente que pude e confrontei isso com o que nos está a acontecer. E, com franqueza, isto é o que me pareceu ver.

Para começar, não e mil vezes não. Por mais trágico que seja, o conflito atual não deve minar os fundamentos da nossa fé no futuro. Já o escrevi aqui mesmo [\[1\]](#) e repeti-lo-ei com a mesma convicção de há dois anos. Onde um grupo de vontades isoladas poderia falhar, a soma total das liberdades humanas não pode faltar em relação ao seu Deus. Como poderá ser assim se, durante centenas de milhões de anos, a Consciência tem estado a ascender sem cessar na superfície da Terra? E como havemos de pensar que o sentido desta onda poderosa vai voltar para trás precisamente quando começamos a perceber o seu fluxo? Na verdade, as nossas razões, incluindo as de índole natural, para crer no êxito final do homem são de uma ordem superior a tudo aquilo que pode suceder. Perante toda a desordem, a primeira coisa de que temos de nos recordar é que não vamos perecer. Esta não é uma enfermidade mortal, mas uma crise de crescimento. É possível que nunca o mal nos parecesse tão profundo e os sintomas tão graves. Mas, em certo sentido, não será precisamente esta mais uma razão para ter esperança? É a altura de um cume que mede a profundidade dos seus precipícios. Se as crises não se tornassem mais violentas de século para século, talvez então devêssemos começar a duvidar.

Assim, embora o cataclismo presente seja incompreensível, no entanto, deveríamos, por princípio, continuar a acreditar com todas as forças e a caminhar em frente. Não nos basta saber (sobretudo se somos cristãos) que, desde que temos memória, a Vida nunca conseguiu elevar-se senão através do sofrimento, através do mal, seguindo o caminho da Cruz?

É assim tão difícil para nós entender o significado do que está a acontecer?

Na raiz dos grandes conflitos em que as nações se encontram hoje envolvidas, creio distinguir os sinais de uma mudança de época para a Humanidade.

O homem demorou centenas de séculos a povoar a Terra e a cobri-la com uma primeira rede incipiente. Levou ainda outros milénios a construir, nesta capa que se ergueu originalmente ao acaso das circunstâncias, núcleos sólidos de civilizações que irradiaram a partir de centros independentes e antagónicos. Hoje, estes elementos multiplicaram-se, cresceram, aproximaram-se e enfrentaram-se uns contra os outros, até ao ponto em que a sua unidade completa se tornou económica e psicologicamente inevitável. A humanidade, tornando-se adulta, começou a sentir a urgente necessidade de se constituir num só corpo. E é esta a fonte profunda do nosso mal-estar.

Em 1918, por um rebate de individualismo, por um instinto obscuro de conservação, os povos tinham procurado defender-se contra essa congregação de massas que sentiam estar a chegar. Assistimos então ao impulso espantoso dos nacionalismos e à pulverização regressiva dos grupos étnicos em nome da história. E agora, essa onda unitária de fundo levanta-se de novo e avança, mas de um modo que se tornou perigoso pelos particularismos de que se impregnou. E aqui já temos a crise delineada.

O que é que vemos?

Em vários pontos da Terra, simultaneamente, certas frações de Humanidade isolam-se e levantam-se e, impulsionadas pela lógica da «universalização» do seu nacionalismo, julgam-se herdeiras exclusivas das promessas da Vida. Mas sabemos que a Vida só pode chegar ao seu fim seguindo exatamente o caminho tomado por ela desde o princípio. A sobrevivência do mais apto. A luta impiedosa de indivíduo contra indivíduo, de grupo contra grupo, com o fim de dominar. Quem comerá quem... esta é a regra fundamental do progresso. Dominando qualquer outro princípio de ação e moralidade, é a Lei da Força, transplantada como tal para o âmbito humano. É uma força exterior, por isso, a guerra não representa um acidente residual, destinado a diminuir com o tempo, mas é o primeiro agente e a própria expressão da evolução. E, por simetria, é uma força interior: os cidadãos aparecem unidos entre si pelo cimento de ferro de um regime totalitário. Em todo o lado, ao longo do caminho, a coerção obriga sempre a competir. E, no fim, haverá um ramo que asfixiará todos os outros ramos. O futuro aguarda-nos depois de sucessivas seleções. Coroará o indivíduo mais forte da nação mais forte. O Super-homem surgirá do humo e do sangue das batalhas.

Contra este ideal selvagem rebelamo-nos espontaneamente. Para evitar a servidão também nós tivemos de recorrer à Força. Lutamos para destruir o «direito divino» da Guerra.

Lutamos. Mas tenhamos cuidado aqui: no fundo, com que espírito usamos as nossas armas? Um espírito de mansidão e de repouso ou um espírito de conquista?...

Porque haveria, receio, uma maneira inferior e perigosa para nós de fazer guerra à guerra: defender-nos sem atacar, como se não tivéssemos necessidade de crescer e de mudar para chegar a ser plenamente humanos. Lutar só por inércia; lutar para que nos deixem em paz, lutar para «estar sossegados»... não seria isto iludir precisamente o problema essencial que neste momento se coloca ao homem nesta época da sua vida? «Os outros», estou tão convencido como outro qualquer, equivocam-se nos métodos de violência que aplicam para unificar o mundo. No entanto, têm razão em sentir que chegou o momento de conceber uma nova Terra. E esta visão torna-os formidavelmente fortes. Compreendamos bem isto, nós não conseguiremos equilibrar e imediatamente inverter a sua corrente, senão superando a sua

religião da Força por outra religião com uma amplitude, uma coerência e uma sedução equivalentes. Ao enfrentá-los, deveria agir em nós um dinamismo tão poderoso como aquele que os anima a eles. Senão as armas serão desiguais e não mereceremos vencer. Eles apresentam a Guerra como princípio de Vida. Que resposta eficaz poderíamos opor-lhes?

Quanto mais refletimos sobre esta questão, infinitamente urgente, de um plano de conjunto para construir a Terra, mais nos damos conta de que, se queremos evitar o caminho da força material e brutal, não há outra saída senão a da camaradagem e da fraternidade, tanto entre os povos como entre os indivíduos. Não numa ansiosa hostilidade, mas numa emulação. Não com sentimentalismo, mas em espírito de equipa.

Mas se, por desgraça, ao enunciar este evangelho da unanimidade, aparecer no ouvinte uma espécie de sentimento «tosco, balbuciante, utópico... » Ah! Parece que Rousseau e os pacifistas causaram mais dano à humanidade do que Nietzsche! Nos nossos dias, considerar seriamente a simples possibilidade de uma «conspiração» humana desperta inevitavelmente sorrisos. E, no entanto, poderia haver para este mundo moderno uma perspectiva mais vigorosa ou mais bem fundamentada na realidade?

Não há muito tempo tinha-me já pronunciado sobre estas questões aqui mesmo [2]. O Racismo, para se defender, apela às leis da Natureza. Mas, ao fazê-lo, esquece-se de uma coisa: para chegar ao nível do Homem, a Natureza teve de transformar os seus caminhos, precisamente para permanecer fiel a si mesma. Sim, até ao Homem: os ramos vivos desenvolvem-se sobretudo sufocando-se uns aos outros e eliminando-se; é a lei da selva. No entanto, a partir do Homem e dentro do grupo humano, não: o jogo já não é devorarem-se entre si. É claro que a seleção continua a ser reconhecível. Mas já não ocupa o primeiro lugar. Porque o Pensamento, com a sua aparição, deu ao Universo uma nova dimensão. Criou, em virtude das afinidades irresistíveis do espírito consigo mesmo, uma espécie de ambiente convergente, no qual os ramos, à medida que se vão formando, tendem a aproximar-se para estarem mais plenamente vivos. Todo o equilíbrio muda nesta nova ordem das coisas. A energia do sistema não diminui. Apenas a Força, na sua antiga forma, expressa só o poder do Homem sobre o extra ou o infra-humano. Mas no coração da Humanidade, entre os seres humanos, transformou-se no seu equivalente espiritual: uma energia que é de atração, em vez de ser de repulsa.

A partir deste ponto de vista, a humanidade final não deve ser imaginada como um caule que engrossou graças ao suco de todos os caules assassinados pelo caminho. Nascerá (porque não pode não nascer) na forma de algum organismo ou, segundo uma das leis mais evidentes do Universo, cada fibra e cada feixe, cada indivíduo e cada nação, desembocará na união com todos os outros. Não com eliminações sucessivas, mas com sinergias. Este é o modo como nos fala a biologia se soubermos escutá-la.

Não sou capaz de encontrar nenhuma outra forte doutrina que possamos opor à doutrina da Força.

Mas, neste caso, abandonemos toda a ilusão, toda a preguiça. Se a Duração nos arrasta para semelhantes horizontes, seria inútil para as Democracias continuar a sonhar com um desses mundos inacabados e ambíguos onde os povos, sem se amarem, mas fiéis não sei a que justiça estática, respeitam obedientes as suas fronteiras sem se conhecerem melhor do que os estranhos que vivem no mesmo patamar da escada. Muito mais do que a ameaça permanente de uma guerra pendendo sobre as nossas cabeças, não será esta a situação equívoca que fez estalar a Europa? Não, «não podia continuar assim». Quer gostemos quer não, a era do

pluralismo tÍbio passou definitivamente. Ou um só povo pode destruir e absorver todos os outros, ou todos os povos se unirão numa só alma para serem mais humanos.

Este é, se não me engano, o dilema que a crise atual apresenta. Esta guerra é de outro tipo, é mais do que qualquer outra: a luta pela finalização e a posse da Terra começou.

Se soubermos ver esta situação, se tomarmos consciência, quero dizer, do dilema e, como consequência do espírito que a nossa posição no conflito nos obriga a defender, quer queiramos quer não, então, naquilo que nos diz respeito, seremos três vezes fortes e sê-lo-emos em grande.

Em primeiro lugar, seremos fortes no nosso coração, porque já não lutaremos resignados, como faríamos contra o fogo, a tempestade ou a peste, mas por algo de belo para descobrirmos e também construirmos nós próprios, como conquistadores.

Fortes na nossa inteligência: porque teremos compreendido o princípio que deve regular, nas suas condições mais gerais, a paz de amanhã. Amanhã... não continuaremos talvez a pensar secretamente no pós-guerra em termos de humilhação e aniquilamento dos vencidos? Nesse caso, onde estaria a nossa virtude? ...Vamos falar agora a mesma língua que os nossos inimigos? E de que nos serviria restaurar qualquer das velhas normas, quando se trata precisamente de sair delas?

E fortes, em último lugar, contra aqueles a quem é necessário reduzir. E este é o corolário imediato e a conclusão de tudo o que acabo de dizer. Guerra económica, guerra de desgaste, costumamos dizer. Mas muito mais, se eu tiver razão, guerra de conversão, porque é uma guerra de ideais. Debaixo da carroçaria dos aviões, dos submarinos e dos tanques, duas conceções opostas da humanidade se enfrentam neste momento. Por isso, a batalha deve travar-se nas profundidades da alma. Que perante o choque dos acontecimentos, a paixão por unir se acenda em nós mais ardentemente do que a paixão de destruir. Talvez neste momento, apesar dos nossos ataques, o outro chegue a perceber que o respeitamos e o desejamos mais do que ele pensa odiar-nos. E reconhecerá que a nossa resistência é precisamente para lhe oferecer aquilo que procura. E então, uma vez reencontrada a sua fonte, o conflito morrerá por si mesmo e para sempre.

«Amai-vos uns aos outros». Este preceito de mansidão, lançado humildemente há dois mil anos como um bálsamo sobre o sofrimento humano, revela-se ao nosso espírito moderno como o mais poderoso, e de facto como o único princípio imaginável do equilíbrio futuro da Terra. Vamos decidir-nos finalmente a admitir que não é nem debilidade nem mania amável, mas que apela a uma condição formal dos progressos mais orgânicos e mais técnicos da Vida?

Se for assim, esta seria a verdadeira vitória que nos aguarda e a única paz verdadeira.

A Força desarmar-se-ia nas suas próprias entranhas, porque teríamos por fim nas nossas mãos algo mais forte do que ela para substituí-la.

E o ser humano, crescendo, teria encontrado o seu caminho.

*Pequim, Natal de 1939.*

**Tradução para castelhano:** Juan V. Fernández de la Gala

Asociación de Amigos de Teilhard de Chardin, sección española.

**Tradução do castelhano para português:** M<sup>ª</sup> LuÍsa T. de Paiva Boléo

Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal

[1] *Études*, 20 de outubro de 1937: *La Crise présente*.

[2] *Études*, 5 de julho de 1939, *Les Unités humaines naturelles*.